

Objetivo. Hoje, 600 mil pessoas investem em ações. Meta da Bovespa é alcançar 5 milhões

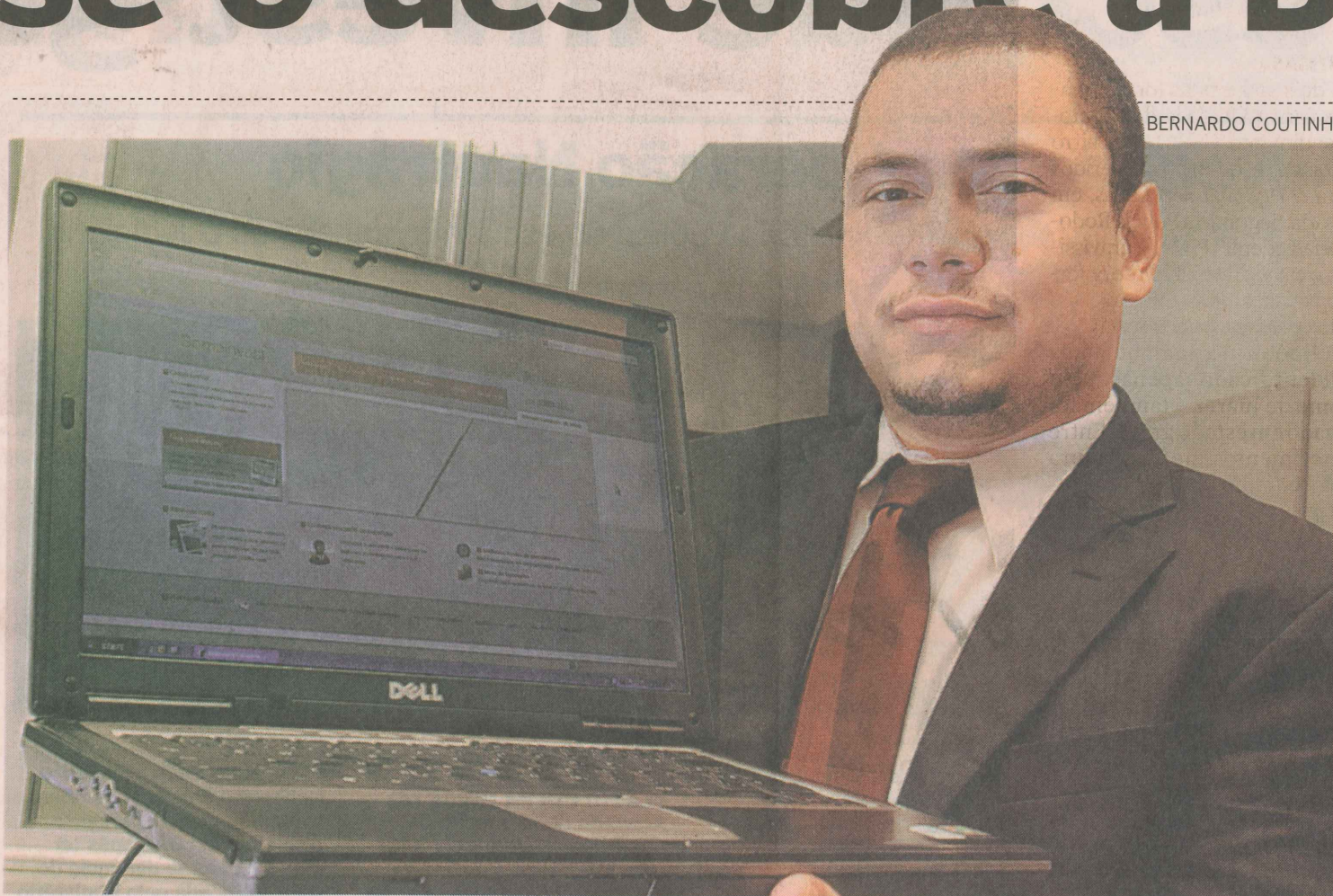
Classe C descobre a Bolsa

Pesquisa aponta que cerca de 120 mil investidores têm renda familiar entre R\$ 2,5 mil e R\$ 4,5 mil

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

■ Depois da telefonia celular, dos veículos, do varejo e do mercado imobiliário, para ficar só nestes, a classe C, ou melhor, a nova classe média, avança agora sobre a Bolsa de Valores. Uma pesquisa feita pela consultoria Plano CDE, a pedido da Bolsa de São Paulo (BM&FBovespa), revelou que 20% dos investidores pessoas físicas, algo próximo de 120 mil, têm renda familiar mensal entre R\$ 2,5 mil e R\$ 4,5 mil.

Oficialmente não há como constatar um crescimento, já que essa é a primeira pesquisa feita sobre a classe C na Bolsa, mas no mercado os analistas têm certeza de que o avanço está em curso. Números oficiais dão conta que até 2009,



BERNARDO COUTINHO

Rendimento vai patrocinar curso no exterior

■ O estudante de direito Sebastião Viganô Neto, de 21 anos, é um exemplo desta nova era vivida pela Bolsa brasileira. É jovem, tem renda entre R\$ 2 mil e R\$ 4,5 mil e, em busca de uma melhor rentabilidade, tirou o dinheiro que tinha cadereta poupança e colocou no mercado de ações. “Sempre apliquei na poupança, mas o rendimento é muito ruim, por isso, optei pela Bolsa. Entrei no início do ano, mas já deu para perceber que o retorno pode ser melhor que o anterior”. Como manda o figurino, o foco do estudante está no médio e longo prazo. “Quero bancar minha pós-graduação no exterior. Em 2016, pelo meu projeto, quero estar estudando fora. Tomara que o mercado me dê um bom retorno”, torce Sebastião.

ciosos dão conta que até 2009, os representantes da nova classe média não passavam de 30 mil na Bolsa de Valores de São Paulo. Em 2006, não eram nem cinco mil.

É com base nesses dados que o mercado de capitais acompanha com atenção a chegada da classe C. Com algo perto de 100 milhões de pessoas sob o seu guarda-chuva, ela é considerada parte essencial no plano da BM&FBovespa de alcançar os 5 milhões de investidores até 2015. Hoje, são 600 mil.

“A Bovespa quer atrair cada vez mais gente, não importa de que classe pertença. O importante é que o investidor consiga poupar. Se ele for superavitário, mesmo que de maneira irregular, ele pode investir na

Bolsa de Valores. Quem está de olho no médio e longo prazo, a renda variável se apresenta como a melhor opção”, assinala a consultora da BM&FBovespa, Tércia Rocha.

É exatamente essa capacidade de poupança da classe C, ainda que de forma irregular - um mês R\$ 100, outro R\$ 200, no outro R\$ 150 -, que aguça a expectativa do mercado. Se apenas uma parcela desse pessoal migrar de fato para a Bolsa, o Brasil poderá repetir o fenômeno de popularização do mercado já visto em economias maduras, como a americana, onde mais da metade das pessoas tem ações. No Brasil, esse percentual é de menos de 1% da população.

Incentivo vem da educação financeira

■ Quem está no dia a dia da Bolsa de Valores diz já ter notado a presença da nova classe média no mercado. É o que afirma Rodrigo Morosky, sócio da corretora SomalInvest. “Tem entrado muita gente que antes não fazia parte do mercado de ações, principalmente jovens da classe C. A educação financeira e as taxas mais em conta

cobradas pelas corretoras estão incentivando essa mudança”. Além disso, segundo Morosky, a classe C percebeu que há vida longe da caderneta de poupança e que essa vida pode ser melhor. “Chega uma hora em que a pessoa arrisca mais em busca de um lucro maior, é o caso da classe C no mercado de ações. É uma nova fatia de consumidores, bastante grande e que apresenta uma renda crescente. O mercado precisa estar atento aos anseios desse novo público”, assinalou.

Tire suas dúvidas

■ É UM BOM NEGÓCIO?

■ Os principais indicadores do Brasil mostram que o país tem tudo para atravessar um ciclo de crescimento sustentável, com estabilidade para a economia e oportunidades para as empresas. E uma vez que as empresas lucram mais, seus sócios - ou seja, todos os acionistas - também ganham mais. Mas é preciso analisar os riscos e contar com a possibilidade de retorno do investimento no longo prazo.

■ COMO POSSO INVESTIR?

■ Há dois caminhos para o investidor comprar e vender ações: via corretora de valores ou bancos. As corretoras são membros das Bolsas de Valores credenciados pelo Banco Central. Elas oferecem análises de mercado que indicam o melhor momento para comprar e vender. Já os bancos administram fundos de ações, cestas que variam conforme os resultados da Bolsa. Nesse caso, é o banco decide como investir.

■ HÁ UM VALOR MÍNIMO PARA COMEÇAR?

■ Não. O valor a ser aplicado varia em função do preço das ações que o investidor deseja adquirir e também das taxas

cobradas pela sua corretora. Em geral, porém, a compra é feita por lotes de ações, de 100, 200 ações, e assim por diante. O investidor pode recorrer ainda ao mercado fracionário, comprando ações fora do lote: nesse caso, em tese, poderia adquirir até mesmo uma ação.

■ POSSO COMPRAR E VENDER LOGO DEPOIS?

■ Sim. Não há prazo mínimo nem máximo para que os papéis fiquem nas mãos de um mesmo investidor. Exemplo disso é a operação conhecida como “day trade”, em que o investidor vende a ação no mesmo dia em que a comprou. Mas por outro lado, há pessoas que deixam os mesmos papéis durante anos e até décadas e têm bons resultados com isso.

■ QUAIS SÃO OS CUIDADOS QUE DEVO TOMAR?

■ Em primeiro lugar, o mercado de ações envolve riscos. Ainda que os resultados recentes da Bolsa indiquem lucros altos, os ganhos podem variar. Outro ponto importante: é preciso se manter atualizado. É necessário ler publicações com indicadores econômicos, além de participar de clubes de investimento, associações de investidores.

Investidores já foram vistos com desconfiança

Em 1929, nos EUA, apenas 1% dos americanos aplicava na Bolsa. Hoje, 88% aplicam em ações

■ No passado, a chegada de investidores de baixa renda à bolsa já foi vista como um problema. Uma das histórias mais conhecidas da crise de 1929 é a de Joseph Kennedy, pai do ex-presidente americano John Kennedy. Conta-se que ele teria decidido vender suas ações pouco antes da derrocada da Bolsa de Nova Iorque porque ouviu seu engraxate comentar animadamente sobre os papéis que havia comprado. “Se até os engraxates estão aplicando em ações, é sinal de problemas”, teria dito Kennedy.

Na época, pouco mais de 1% dos americanos aplicava na Bolsa. Hoje, 88% dos americanos aplicam em ações como estratégia para

a aposentadoria e, com isso, a entrada de faxineiros, porteiros e taxistas no mercado deixou de ser vista com desconfiança.

A popularização do mercado de ações que começa a ganhar corpo no Brasil guarda semelhanças com o movimento que ocorreu nos Estados Unidos na década de 50. Foi quando a classe média ascendente conseguiu economizar parte da renda e a Bolsa de Nova Iorque colocou em prática um programa de aproximação com o cidadão comum. Em 15 anos, o percentual de acionistas subiu de 4% para 10% da população.

Mesmo assim, foi só a partir dos anos 80 que a classe média dos Estados Unidos deixou-se seduzir pela Bolsa. Hoje, metade dos americanos aplica em ações, diretamente ou via fundos, e estima-se que 20 milhões deles tenham renda familiar mensal inferior a US\$ 4 mil, o que os coloca na base da pirâmide social local.